

Contribuições de Heleieth Saffioti para o entendimento sociológico da mulher brasileira

Heleieth Saffioti's contributions to the sociological understanding of Brazilian women

Letícia Oliveira¹

Bruna Fontes²

RESUMO

O presente artigo busca elucidar algumas das contribuições de Heleieth Saffioti (1934-2010) ao pensar a situação da mulher na sociedade brasileira, partindo dos métodos de análise e posicionamentos teóricos utilizados na obra “Gênero, patriarcado, violência”. A partir disso, serão situadas as pesquisas feitas pela autora e o apresentado como os dados obtidos por suas investigações podem informar sobre a situação da opressão das mulheres no cenário contemporâneo.

Palavras-chave: Heleieth Saffioti; Sociologia brasileira; Patriarcado; Feminismo.

ABSTRACT

This article seeks to elucidate some of the contributions of Heleieth Saffioti when thinking about the situation of women in Brazilian society, starting from the methods of analysis and theoretical positions used in the work “Gender, patriarchy, violence”. Based on that, the research done by the author will be located and what will be presented as the data obtained by her investigations can inform about the situation of oppression of women in the contemporary scenario.

Keywords: Heleieth Saffioti; Brazilian sociology; Patriarchate; Feminism.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi analisar como os conceitos trabalhados por Heleieth Saffioti podem ajudar-nos a pensar a situação da mulher na sociedade brasileira no

¹ É graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe. É membro do GERTs (Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas) e pesquisa sobre juventudes, estilos de vida e políticas públicas.

² É graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe.

cenário contemporâneo. Optar por estudar o tema através da ótica de Saffioti se sustenta, principalmente, por esta ter sido a primeira mulher a fazer da mulher seu objeto de pesquisa, sendo uma pioneira na temática. Heleieth Saffioti foi proveniente da classe popular e graduou-se em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Universidade de São Paulo (USP), tendo sido orientada por Florestan Fernandes ao defender sua tese intitulada de *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, que até os dias atuais representa uma referência em termos de estudos de gênero e patriarcado no Brasil. Sua produção acadêmica esteve sempre vinculada com proposições feministas, buscando observar de forma crítica a realidade das mulheres no país. Elaborou teorias, nas últimas fases de sua produção intelectual, que enfatizaram a presença da violência como aspecto constante da dominação masculina, centralizando suas perspectivas na forma em como essa violência se manifesta não apenas em termos físicos, mas também simbólicos. Grande parte do seu trabalho possuiu um enfoque marxista, tendo dialogado com outras perspectivas ao fim da vida (inclusive weberianas), mantendo-se ativa no campo intelectual até os seus últimos dias.

Tendo contextualizado a socióloga que neste trabalho se pesquisa, podemos partir para os pressupostos do artigo. Nele, serão situadas as contribuições da autora para pensar a situação das mulheres no Brasil nos ditames do patriarcado. A obra principal de Saffioti a ser explorada se intitula *Gênero, patriarcado, violência*, contendo dados de pesquisas feitas pela autora envolvendo a violência contra mulheres – desde o abuso sexual até a violência doméstica caracterizada por lesões físicas e danos psíquicos – fornecendo dados de suma importância para a compreensão desse fenômeno dentro de uma sociedade de classes. Saffioti exerceu uma influência teórica relevante ao pensar a opressão das mulheres em termos históricos e materiais, buscando conceituar adequadamente todas as dinâmicas de exploração-dominação analisadas.

Dessa maneira, o intuito deste artigo é mostrar como o pensamento de Saffioti pode ser relevante não apenas como aporte empírico para fortalecer a luta feminista, mas sendo capaz de contribuir para a sociologia brasileira em geral.

Horizontes teóricos para a compreensão da mulher na sociedade brasileira

Heleieth Saffioti constantemente se orienta por uma visão que contempla a opressão das mulheres junto à questão de classe dentro de um cenário capitalista. Acredita que a opressão sempre trabalha em um sistema único de dominação-exploração cuja dimensões são complementares (SAFFIOTI, 2001, p. 117); portanto, o patriarcado,

embora seja um fenômeno mais antigo, não pode ser dissociado do modo de produção vigente. Mais especificamente, Saffioti acredita numa “fusão” complexa entre violências de gênero, classe social e racismo.

Em *Gênero, Patriarcado, Violência*, o capítulo “Não há revolução sem teoria” (que alude a uma frase de Lênin) aborda especificamente os posicionamentos teóricos da socióloga. Atém-se a uma perspectiva que observa os problemas estudados de maneira estrutural. Com base nessa ótica, pode-se ter uma base mais sólida para compreender os três quesitos estudados por Saffioti que dão título à sua obra.

Conceitua gênero como um fenômeno histórico que acaba por ser “a dimensão da cultura pela qual o sexo se expressa” (SAFFIOTI, 2015, p. 144), manifestando-se de uma forma binária que passa a constituir um papel central nas relações de poder homem-mulher. O gênero enquanto diferenciação em si não é opressivo, assim como o sexo; mas a partir da ocorrência do que chama de *contrato sexual*, constitui-se a base do patriarcado moderno. O contrato, por sua vez, tem sua origem a partir do entendimento do homem de que participa da chamada *antropoprodução* (produção biológica e social de seres humanos), disseminando-se através da hierarquização que torna as mulheres sujeitas enquanto objetos deste contrato.

Saffioti é uma grande defensora da utilização do termo *patriarcado* ao referir-se ao sistema que oprime as mulheres; em suas palavras, “colocar o nome da dominação masculina - *patriarcado* - na sombra significa operar segundo a “ideologia patriarcal” (SAFFIOTI, 2015, p. 59). Opta, também, por analisar a dimensão material da opressão feminina. Dessa maneira, prefere utilizar o termo *categoria social* para referir-se tanto aos homens quanto às mulheres ao estudar o patriarcado, evitando análises individualistas que possam pender para perspectivas liberais. Menciona a máxima utilizada pelo feminismo radical, “o pessoal é político”, ao situar o patriarcado enquanto sistema político de dominação, manifestando-se tanto nas esferas públicas quanto privadas. Ainda que sejam diferentes entre si (a autora não o nega), estão inseridas dentro de uma lógica maior que as engloba, fazendo com que os *constructos mentais*, termo utilizado por Saffioti, se reverberem em práticas dentro e fora da realidade doméstica. Outra observação relevante é de que a autora rejeita o uso exclusivo do termo *gênero* ao estudar a opressão feminina: o considera demasiado generalizado e, por vezes, imbuído de ideologia. Em suas palavras,

[...] tratar esta realidade em termos exclusivamente do conceito de gênero distrai atenção do poder do patriarca, em especial como homem/marido, “neutralizando” a exploração-dominação masculina. Nesse sentido e,

contrariamente ao que afirma a maioria das(os) teorias(os), o conceito de gênero carrega uma dose apreciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal [...] (SAFFIOTI, 2015, p. 145).

A violência, por sua vez, é conceituada e explorada pela autora nos capítulos iniciais do livro abordado neste artigo. Saffioti a conceitua em consonância com os chamados direitos humanos, ao invés de tratá-la apenas como uma “ruptura de integridades” física, psicológica, sexual e moral; para a autora, o que pode significar esse tipo de ruptura para uma mulher de determinada classe social pode não significar para outra (SAFFIOTI, 2015, p. 50).

No que tange às dimensões práticas dos estudos de Saffioti sobre o patriarcado e suas manifestações, a socióloga pesquisou sobre a violência contra as mulheres no Brasil. A partir da pesquisa “A mulher brasileira nos espaços público e privado”, cujos dados foram organizados pela Fundação Perseu Abramo e seu Núcleo de Opinião Pública (NOP), é possível levar à luz aspectos antes obscuros sobre a natureza desse tipo de violência e suas consequências. De ordem quantitativa, a pesquisa foi conduzida a partir de entrevistas direcionadas a meninas (estas, principalmente, ao estudar abuso sexual) e mulheres, durante os anos de 1988 e 1992. Muitos dos dados foram coletados em casas-abrigo para vítimas de violência (SAFFIOTI, 2015, p. 21). Em seguida, apresenta a pesquisa, realizada durante a mesma época, intitulada “Violência doméstica: questão de polícia e de sociedade”. Foram feitas cerca de 300 entrevistas, englobando aspectos físicos e psicológicos da violência direcionada às mulheres no Brasil, bem como elaborados dados estatísticos acerca da realidade dessa parcela da sociedade que vivencia a agressão.

Saffioti, após coletar as informações sobre o tema estudado por meio de relatos, detalha os tipos de violência sofridos pelas mulheres entrevistadas. Discorre, primeiramente, sobre como se dá o abuso sexual direcionado a meninas na infância, pormenorizando as práticas utilizadas pelo abusador e os reflexos delas no psicológico da criança. A autora estabelece uma linha tênue entre o abuso sexual sofrido por meninas abastadas e por meninas pobres. Mulheres adultas são contempladas na temática da violência em termos mais amplos, também sendo detalhadas as práticas de violência realizadas em domicílio e outros ambientes. A socióloga afirma que “ninguém escolhe seu tema de pesquisa; é escolhido por ele” (SAFFIOTI, 2015, p. 45), ao justificar seu direcionamento ao estudo da violência contra a mulher.

A violência contra a mulher brasileira

Os resultados obtidos por Heleieth Saffioti ao pesquisar a mulher brasileira nos âmbitos público e privado oferecem informações relevantes acerca da situação dessas mulheres em diversas esferas. Em um primeiro momento, ao discutir o abuso sexual na infância, apresenta os dados obtidos de forma que sustente seu posicionamento contra a violência masculina. Observa que a presença dos homens nesses casos é de 97% a 99%, enquanto os registros de abusadoras mulheres são quase nulos. Mulheres representam cerca de 90% das vítimas, tornando possível estabelecer uma relação direta desses casos com teorias que abordem a dominação masculina. Um dado importante a ser mencionado é de o pai ser quase sempre o violentador - ao contrário de ideias propagadas pelo senso comum de que desconhecidos são mais propensos a cometer atos de violência sexual, Saffioti observa que a maioria esmagadora dos casos acontece dentro do seio familiar. Em suas palavras, “o pai continua a ser o grande vilão, devorando sua própria prole” (SAFFIOTI, 2015, p. 21). Também são registrados casos de abuso sexual cometidos por tios e padrastos, sempre homens que denotem uma hierarquia familiar mais elevada.

Novamente, é pertinente pontuar a diferenciação feita pela socióloga entre meninas abusadas de classes média e alta e de classe baixa. No primeiro caso, a menina não costuma ver-se como vítima: acredita que é copartícipe junto ao pai (na maioria das vezes), tornando-se, então, inimiga da mãe. Apresenta, com detalhes, que “nas camadas mais bem aquinhoadas, social e economicamente falando, o abuso obedece à receita da sedução: mais atenção àquela filha, mais passeios, mais viagens etc” (SAFFIOTI, 2015, p. 21). No tocante às camadas menos favorecidas, Saffioti nota uma maior agressividade por parte dos abusadores, que chegam a utilizar armas brancas ou de fogo, e a percepção das meninas abusadas não como culpadas, mas como vítimas (SAFFIOTI, 2015, p. 24). Nesse caso, o processo é, como diz a autora, rápido e brutal. A gravidez é mais comum do que em situações onde o pai/abusador é instruído. Heleieth Saffioti levanta uma discussão sobre a naturalização da relação sexual como um processo não-prazeroso às mulheres menos favorecidas, que a tratam como um “fardo” a ser carregado, não destinado ao prazer. Contudo, observa que os abusos via sedução causam danos psíquicos muito maiores do que os que se atêm à brutalidade (SAFFIOTI, 2015, p. 27).

Posteriormente, a autora aborda os resultados de sua pesquisa sobre violência doméstica. Para caracterizar esse tipo de violência, usa o termo “lesão corporal dolosa”

(LCD). Levanta que, cerca de 20% das mulheres entrevistadas já a sofreram em categorias leves, geralmente dentro de casa. Na maioria esmagadora dos casos, os responsáveis por esse tipo de agressão são seus companheiros. Aproximadamente 18% sofreu violência psicológica. Nesse caso, observa que “o crime de ameaça costuma acompanhar outras modalidades de violência ou substituir a violência física” (SAFFIOTI, 2015, p. 66). Casos de espancamento apresentam uma realidade gritante: aproximadamente 11% das investigadas relataram esse tipo de vivência, representando uma parcela de 6,8 milhões de mulheres brasileiras. Uma observação importante feita pela socióloga na pesquisa “Violência doméstica sob a Lei 9.099” que analisa os efeitos da lei mencionada, aponta que esta que acabou por legalizar a violência doméstica, sendo enquadrada com até um ano de detenção (SAFFIOTI, 2015, p. 66).

Saffioti enfatiza o uso de um termo específico, chamado de “ferida de alma”: abusos físicos e psicológicos podem ser momentâneos, mas as marcas deixadas por eles acompanham as vítimas por, em grande parte das vezes, toda a vida. Observa que a violência física se apresentou como um episódio mais fácil de ser superado pelas mulheres entrevistadas, mas não se pode dizer o mesmo acerca da psicológica. Para as entrevistadas, feitos como a humilhação provocam dores muito maiores (SAFFIOTI, 2015, p. 67). Em termos estatísticos, Saffioti observa que

19% das mulheres declararam, espontaneamente, haver sofrido algum tipo de violência por parte dos homens 16% relatando casos de violência física, psicológica, e 1% de assédio sexual. Quando estimuladas, no entanto, 43% das investigadas admitem ter sofrido violência sexista, um terço delas relatando ter sido vítimas de violência física, 27% revelando ter vivido situações de violência psíquica e 11% haver experimentado o sofrimento causado por assédio sexual. Trata-se, pois, de quase a metade das brasileiras (SAFFIOTI, 2015, p. 50).

A autora conclui que o clima de LCD é o mais prevalente contra mulheres (SAFFIOTI, 2015, p. 69), manifestando-se em parcelas relevantes da população. Uma constatação feita pela autora discorre sobre a chamada síndrome do pequeno poder: sujeitos a ela ambos os sexos, pode expressar-se no caso da mãe na violência (principalmente física) que esta destina aos filhos, posteriormente. Percebe que, nessa situação, “embora as mulheres não sejam cúmplices dos patriarcas, cooperam com eles” (SAFFIOTI, 2015, p. 68)

Dessa forma, percebe-se que a violência sexista se enquadra como um fenômeno estrutural, devendo ser estudada enquanto tal. Sendo o patriarcado um sistema que atravessa distintas camadas da sociedade e baseado no controle e na repressão da mulher,

sendo evidenciado até os dias atuais, pode-se percebê-lo como uma problemática a ser estudada e combatida com afinco, a fim de se buscar uma realidade igualitária.

Para Saffioti, o sexismo também prejudica aos homens, a partir do momento em que estes precisam limitar sua sexualidade, desenvolver condutas agressivas e perigosas de maneira impositiva (SAFFIOTI, 2015, p. 37). As proposições práticas feitas pela autora para efetivar mudanças contra esse tipo de opressão (além da luta feminista e da revisão de leis que naturalizem a violência) se dão através do abandono de comportamentos típicos da masculinidade agressiva perpetuada pela ideologia patriarcal; dessa maneira, pode-se desfrutar de relações mais completas nos âmbitos afetivo, sexual e relacional.

CONCLUSÃO

O elemento mais marcante, sem dúvida, da obra de Saffioti é a sua atualidade. Por mais que tenha sido uma pioneira nos estudos sobre a mulher dentro da sociologia brasileira, a aplicabilidade de seus métodos de análise ainda se mostra eficiente ao pensar o patriarcado em termos contemporâneos. Suas categorias de análise utilizadas, na visão das autoras do presente artigo, apresentam coerência e sensatez. Heleieth Saffioti, na obra estudada, atravessa conceitos fundamentais à compreensão da dominação masculina: discorre detalhadamente, apresentando seus pontos de vista com solidez, sobre o que se entende por gênero, por patriarcado e por violência, bem como propondo novos pontos de vista para estudar essas categorias. Dessa maneira, pode-se afirmar sem dúvidas que apresenta grandes contribuições teórico-metodológicas.

Seu trabalho, além de apresentar um embasamento teórico coeso ao definir histórico-socialmente o fenômeno do patriarcado, demonstra uma preocupação com o âmbito prático da realidade pesquisada. A partir de críticas ao comportamento masculino, à forma como a justiça não dá a importância necessária a casos de violência contra a mulher (por mais que existam mecanismos como a Lei Maria da Penha), Saffioti, na posição de acadêmica, busca desnaturalizar ações que corroborem com um machismo enraizado no Brasil.

No decorrer da análise da obra estudada, percebeu-se que imposições patriarcais ainda fazem parte do cotidiano de boa parte das mulheres brasileiras, desde o âmbito moral - a exemplo de ocultar a violência sofrida para preservar a instituição familiar (SAFFIOTI, 2015, p. 9) - até a esfera dos atos de violência física em si, manifestação mais imponente e agressiva da lógica da dominação masculina. Por isso, pode-se caracterizar a obra de Saffioti como relevante para estudar o machismo nos dias atuais.

A partir das conclusões estabelecidas no presente artigo, vê-se que é possível tomar a produção de Heleieth Saffioti enquanto não apenas dotada de contribuições acadêmicas, mas de grande consciência social, sendo fundamental para visar um horizonte destituído de desigualdade, dominação e exploração. Afinal, como postula Marx, não se trata apenas de compreender o mundo - mas também de transformá-lo.

REFERÊNCIAS

EGGERT, Edla. A supremacia da masculinidade: questões iniciais para um debate sobre violência contra mulheres e educação. **Cadernos de Educação**. Pelotas, n. 1261. p. 222-232. jan. 2006.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**. n. 6. Florianópolis: PPGAS/UFSC. 1995 (2ª versão 1998).

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.